

A contemplação do mundo que se dissolve no ar

Nelson de Oliveira
(*Página Central*, ANO 3, n. 16, abril 1999)

O primeiro elemento que nos salta aos olhos quando folheamos *Asa* (Editora Velocípede, 72 páginas, R\$20,00), último livro do poeta e artista plástico Renato Rezende, não é a poesia escrita que as páginas contêm, mas a poesia visual, tátil, do próprio livro. A seqüência de folhas de papel vegetal, onde os poemas foram impressos, constitui a melhor representação do teor nostálgico e do lirismo comedido do autor paulista. Tal seqüência traz à tona um elemento não-verbal muito forte, mais próximo das artes plásticas e, talvez, do cinema, que pode ser encarado como uma adequada ilustração do Tempo contemporâneo. Disso nos damos conta mais ou menos na metade do livro, quando olhamos para trás, para as páginas que passaram quadro a quadro, observamos que os poemas já lidos podem ainda ser entrevistados, na transparência do papel vegetal, porém invertidos. Olhando para frente, para as páginas que ainda virão, notamos, perdidos numa bruma, num nevoeiro europeu, as falas que ainda estão por vir e, por isso, ainda não nos impressionaram. Dessa forma, o projeto gráfico do livro—poesia extra que envolve os poemas propriamente ditos—sugere, a todo momento, a atual condição do poeta e, por que não dizer, do leitor na atual era do *microchip*: sujeito inserto entre duas fatias de tempo—adiante o futuro, que pode ser vislumbrado, até mesmo antecipado, todavia de forma imperfeita; atrás o passado, composto do que já se foi, que, talvez por ter sido mal registrado pela memória quando era tão-só presente, aparece-nos em *flashes* vagos, indistintos.

O autor, neste e nos dois livros anteriores, *Passagem* (1990) e *Aura* (1997), mostra ter se alimentado da menos antiga das tradições, a do lirismo sem peias, averso à impostação, com um pé na crônica e nas miudezas do cotidiano. Pode-se perceber, nos trinta e um poemas presentes, que a liberdade do verso livre e a displicente colocação das rimas só fazem acertar o foco de luz, sem margem de erro, sobre uma maneira nada leviana de avaliação das regras que norteiam o mundo. Isso, livre de amarras e sem a soberba do filósofo, do psicólogo ou do profeta. Se tivéssemos que traçar-lhe a ascendência poética, chegaríamos ao primeiro Bandeira, o do humor e da ironia amarga aliados à sensibilidade do que vai no dia-a-dia.

O título do livro, *Asa*, é clara alusão às entidades angelicais que protagonizam boa parte dos poemas. Que temeridade! Arriscar-se a fazer, nos dias de hoje, poesia sobre anjos, mesmo quando se referem apenas aos enfeites *kitsch* que ainda podemos ver em certos palacetes quatrocentões. Contudo, vale ressaltar que os anjos de Renato Rezende estão mais próximos de Win Wenders do que das Sagradas Escrituras. São seres ainda muito abstratos mas que sofreram forte antropomorfização, que se alimentam da comida da terra, que copulam com nossas mulheres e, por isso, nunca estiveram tão apartados do Deus bíblico quanto agora. Lançar mão da arquetípica figura do anjo foi a forma encontrada pelo poeta para substantivar e para reduzir a um único termo o conjunto de símbolos concernentes a figuras não menos arquetípicas como a do peregrino e a do estrangeiro, antes de traze-las à banalidade da vida cotidiana, sem as glórias e os demiurgos das grandes mitologias de outrora.

Alguns poemas são francamente místicos, porém ateus, e confessionais—que perigo! Arriscar-se à poesia confessional nos dias que correm, tendo como pano de fundo a sala de espera de um aeroporto, um depósito de lixo, uma rua de Nova York. Outros soam como *koans*—famosa

anedota exemplar da filosofia budista—, outros, ainda, como Omar Khayyam e os epicuristas, ao insistirem que aproveitemos o dia, a vida e o mundo, por mais que estes sejam apenas representações, pois a dissolução da consciência, e conseqüentemente dessas mesmas representações, é fato certo que não tardará. Mas que o leitor não se iluda, pois o ceticismo adotado pelo poeta tem o poder de redimir tanto o misticismo quanto o confessional, ao transforma-los numa terceira possibilidade e ao alimentar-se do resultado de tal transformação, tornando-se algo mais do que o conjunto de simples exaltações e queixas tão comuns no lirismo menos inspirado.